

EDUARDO PINHEIRO URRUTIA
ESAUL JOAQUIM DE SOUZA BAPTISTA
GABRIEL SILVEIRA DE BRITTO
RAFAEL GONZALEZ BASTOS
ROBERTO CARLOS DIAS VITACA
VALTER PERACCHI BITTENCOURT SOARES



NOTAS SOBRE A AÇÃO, A ORDEM E A MUDANÇA SOCIAL NA TEORIA SOCIOLOGICA

1.^a EDIÇÃO
ISBN- 978-65-6054-005-7

SÃO PAULO | 2023

EDUARDO PINHEIRO URRUTIA
ESAUL JOAQUIM DE SOUZA BAPTISTA
GABRIEL SILVEIRA DE BRITTO
RAFAEL GONZALEZ BASTOS
ROBERTO CARLOS DIAS VITACA
VALTER PERACCHI BITTENCOURT SOARES



NOTAS SOBRE A AÇÃO, A ORDEM E A MUDANÇA SOCIAL NA TEORIA SOCIOLOGICA

1.^a EDIÇÃO

ISBN- 978-65-6054-005-7

SÃO PAULO | 2023

1.^a edição

**NOTAS SOBRE A AÇÃO, A ORDEM E A MUDANÇA SOCIAL NA
TEORIA SOCIOLÓGICA**

ISBN- 978-65-6054-005-7



Autores

Eduardo Pinheiro Urrutia
Esaul Joaquim de Souza Baptista
Gabriel Silveira de Britto
Rafael Gonzalez Bastos
Roberto Carlos Dias Vitaca
Valter Peracchi Bittencourt Soares

NOTAS SOBRE A AÇÃO, A ORDEM E A MUDANÇA
SOCIAL NA TEORIA SOCIOLOGICA

1.^a edição

SÃO PAULO
EDITORA ARCHE
2023

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY-NC 4.0).



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N899 Notas sobre a ação, a ordem e a mudança social na teoria sociológica [livro eletrônico] / Eduardo Pinheiro Urrutia... [et al.]. – São Paulo, SP: Arche, 2023.
57 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-6054-005-7

1. Mudança social. 2. Movimentos sociais. 3. Sociologia. I. Urrutia, Eduardo Pinheiro. II. Baptista, Esaul Joaquim de Souza. III. Britto, Gabriel Silveira de. IV. Bastos, Rafael Gonzalez. V. Vitaca, Roberto Carlos Dias. VI. Soares, Valter Peracchi Bittencourt.

CDD 303.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Revista REASE chancelada pela Editora Arche.

São Paulo- SP

Telefone: +55 (11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br>

contato@periodicorease.pro.br

1ª Edição- *Copyright* 2023 dos autores.

Direito de edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referenciais bibliográficos são prerrogativas de cada autor (es).

Endereço: Av. Brigadeiro Faria de Lima, n.º 1.384 – Jardim Paulistano.

CEP: 01452 002 – São Paulo – SP.

Tel.: 55(11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br/rease>

contato@periodicorease.pro.br

Editora: Dra. Patrícia Ribeiro

Produção gráfica e direção de arte: Ana Cláudia Néri Bastos

Assistente de produção editorial e gráfica: Talita Tainá Pereira Batista

Projeto gráfico: Ana Cláudia Néri Bastos

Ilustrações: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Revisão: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Tratamento de imagens: Ana Cláudia Néri Bastos

EQUIPE DE EDITORES

EDITORA- CHEFE

Dra. Patrícia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

CONSELHO EDITORIAL

Doutorando. Avaeté de Lunetta e Rodrigues Guerra- Universidad del Sol do Paraguai- PY

Me. Victorino Correia Kinhama- Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul- Angola

Me. Andrea Almeida Zamorano- SFSIG

Esp. Ana Cláudia N. Bastos- FUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEFA

Dr. José Fajardo- Fundação Gentílio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albardonado, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Maciel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrada Bittencourt - MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Santes Braga, UFTM

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

APRESENTAÇÃO

Com grande entusiasmo, apresento o livro digital "Notas sobre a Ação, a Ordem e a Mudança Social na Teoria Sociológica". Esta obra é um convite para adentrar o orbe sociológico. Os autores nos conduzem habilmente por um terreno fértil de reflexões sobre a ação humana, a construção da ordem social e as dinâmicas de mudança que permeiam nossa sociedade.

No primeiro capítulo, intitulado "Os Clássicos da Sociologia na Análise da Ação, da Ordem e da Mudança Social", o autor é conduzido às raízes do pensamento sociológico. O livro nos apresenta as ideias de pensadores icônicos como Durkheim, Weber e Marx e Georg Simmel, demonstrando como suas teorias clássicas ainda são fundamentais para compreendermos as complexas relações entre indivíduos e sociedade.

O segundo capítulo, "A Escola de Chicago e os Pensadores Neoclássicos no Esforço de Sintetizar as Relações entre Micro e Macrosociologia", nos transporta para a vibrante cidade de

Chicago e nos mostra como pensadores como George Herbert Mead e Talcot Parsons revolucionaram a sociologia ao unir as perspectivas micro e macro em suas análises. Este capítulo é um testemunho da evolução da disciplina e como ela se adapta às complexidades da sociedade moderna.

No terceiro e último capítulo, "O Movimento Pós-Colonial e os Estudos Culturais na Reconfiguração da Ação, da Ordem e Mudança Social", somos apresentados a uma abordagem contemporânea e desafiadora. Os autores exploram como o movimento pós-colonial e os estudos culturais desempenham um papel crucial na desconstrução das estruturas de poder e no questionamento das narrativas dominantes, abrindo caminho para novas formas de ação e mudança social.

À medida que avançamos ao longo deste livro digital, somos guiados por um fio condutor que nos desafia a refletir sobre as nuances da ação humana, a construção da ordem social e as possibilidades de transformação. O livro apresenta seus argumentos de forma clara e acessível, tornando esta obra leitura

obrigatória para estudantes, pesquisadores e indivíduos interessados em conhecer o orbe da Teoria Sociológica.

"Notas sobre a Ação, a Ordem e a Mudança Social na Teoria Sociológica" é um livro que nos convida a questionar, refletir e expandir nossa compreensão da sociedade. Com sua abordagem abrangente e clara, esta obra certamente se tornará uma agradável leitura sobre os meandros da sociologia. Portanto, é com grande entusiasmo que disponibilizamos este livro digital, que oferece uma visão introdutória acerca das complexidades da ação, da ordem e da mudança social.

Boa leitura para todos,

Os autores

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	18
OS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA NA ANÁLISE DA AÇÃO, DA ORDEM E DA MUDANÇA SOCIAL	
CAPÍTULO 2	28
A ESCOLA DE CHICAGO E OS PENSADORES NEOCLÁSSICOS NO ESFORÇO DE SINTEZIAR AS RELAÇÕES ENTRE MICRO E MACROSSOCIOLOGIA	
CAPÍTULO 3	39
O MOVIMENTO PÓS-COLONIAL E OS ESTUDOS CULTURAIS NA RECONFIGURAÇÃO DA AÇÃO, DA ORDEM E MUDANÇA SOCIAL	
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ÍNDICE REMISSIVO	50

**NOTAS SOBRE A AÇÃO, A ORDEM E A MUDANÇA
SOCIAL NA TEORIA SOCIOLÓGICA**



RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre alguns dos elementos que, dentro do pensamento clássico, neoclássico e pós-moderno das ciências sociais, direcionam reflexões sobre a ação, a ordem e a mudança social. Objetiva examinar como tais análises ajudam a compreender a realidade. Ao nível metodológico, estabelece respostas a partir de uma revisão bibliográfica. O livro investiga a teoria clássica de Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim e Georg Simmel. Reflete também sobre o período intermediário, onde as ideias centrais aparecem associadas à Escola de Chicago, bem como, sobre a teoria dos pensadores neoclássicos, sendo eles; Talcot Parsons, Junger Habermas, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Por fim, reflete a partir dos estudos pós-coloniais com ênfase nos estudos culturais, a fim de compreender o movimento que tenta transcender os reducionismos, na construção de uma ampla teoria pós-estruturalista que dá voz a grupos subalternizados epistemologicamente no processo histórico de formação social. A hipótese central é que a teoria pensada a partir de seus constituintes basilares ajuda a compreender o campo teórico como um instrumento de análise dos múltiplos elementos que engendram as sociedades.

Palavras-chave: Teoria Sociológica. Agência e Estrutura. Mudança Social.





ABSTRACT

The general objective of this work is to reflect on some of the elements that, within the classical, neoclassical, and postmodern thought of the social sciences, direct reflections on action, order and social change. It aims to examine how such analyzes help to understand reality. At a methodological level, it establishes answers based on a literature review. The book investigates the classical theory of Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim and Georg Simmel. It also reflects on the intermediate period, where the central ideas appear associated with the Chicago School, as well as on the theory of neoclassical thinkers, namely, Talcot Parsons, Junger Habermas, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu, and Michel Foucault. Finally, it reflects from post-colonial studies with an emphasis on cultural studies, in order to understand the movement that tries to transcend reductionism, in the construction of a broad post-structuralist theory that gives voice to epistemologically subordinated groups in the historical process of social formation. The central hypothesis is that the theory thought from its basic constituents helps to understand the theoretical field as an instrument for analyzing the multiple elements that engender societies.

Keywords: Sociological Theory. Agency and Structure. Social Change.






INTRODUÇÃO

Diferentes autores e linhas de pensamento buscaram avançar em debates que desde os pensadores clássicos das ciências sociais se mostraram primordiais dentro da teoria sociológica, sobretudo por serem pontos que tratam de relações centrais na formação da sociedade. Ou seja, de um lado, observam-se teorias que dão maior ênfase a estrutura, enquanto outras a ação social, ao sentido das relações e a sua configuração e formação a partir do emaranhado das subjetividades. Há ainda aquelas que buscam a intersecção entre agência e estrutura. Assim, as relações entre ação, ordem e mudança social aparecem como elementos medulares no pensamento teórico das ciências sociais.

Este livro, portanto, tem como objetivo geral refletir sobre alguns dos elementos que, dentro do pensamento clássico, neoclássico e pós-moderno das ciências sociais, direcionam reflexões sobre a ação, a ordem e a mudança social, objetivando examinar como tais análises ajudam a compreender a realidade. A hipótese central é que a teoria pensada a partir de seus constituintes basilares ajuda a compreender o campo teórico como um instrumento de análise dos múltiplos elementos que





engendram as sociedades. Em nível metodológico, buscou-se estabelecer respostas a partir de uma revisão bibliográfica. Sendo assim, o instrumento de pesquisa se articulou pela leitura de alguns dos principais teóricos e linhas de pensamentos das ciências sociais, de maneira a relacionar a literatura as discussões do tema objetivado.

Ao nível de coesão, este estudo está organizado primeiramente em uma introdução, em três capítulos de desenvolvimento e em uma conclusão. Na introdução se apresenta o tema, objetivos, metodologia, hipótese e justificativa. O primeiro capítulo de desenvolvimento intenta investigar na teoria clássica os fatores elementares da sociedade a partir da ação, ordem e mudança social. Sendo os pensadores Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim e Georg Simmel utilizados como clássicos. No segundo capítulo de desenvolvimento, busca-se refletir sobre um período intermediário, onde as ideias centrais aparecem muito associadas à Escola de Chicago, bem como, sobre a teoria dos pensadores por muitos denominados de neoclássicos, sendo eles; Talcot Parsons, Junger Habermas, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu e Michel Foucault. No terceiro capítulo se reflete a partir estudos pós-coloniais com ênfase nos estudos culturais, um movimento que tenta transcender os reducionismos, na construção de uma ampla



teoria pós-estruturalista que dá voz a grupos subalternizados epistemologicamente no processo histórico de formação social.




CAPÍTULO 01



1. OS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA NA ANÁLISE DA AÇÃO, DA ORDEM E DA MUDANÇA SOCIAL


Embora Auguste Comte seja considerado o pai da sociologia, por cunhar o termo, por seu positivismo reflexivo, influenciar os demais pensadores que o sucedem, bem como, por delimitar aspectos sobre a ciência que tem como objeto o estudo da sociedade, são considerados como principais pensadores clássicos da sociologia Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel. O primeiro destes, Karl Marx não se reconhecia como um sociólogo, mas o ponto é que sua teoria, conhecida como o materialismo histórico e dialético, é uma teoria pura sobre os fatores que influenciam no processo de ação, ordem e mudança social. Enquanto o homem necessita se relacionar com a natureza para buscar sua subsistência, vai moldando o seu próprio comportamento social. Ou seja, o trabalho é a atividade (ação social) que na integração com a natureza (cria uma ordem social), que logo transforma a própria essência do homem.

Segundo Lallement (2008), para Marx, na medida em que os seres humanos realizam atividades com a natureza na busca para prover suas necessidades, no primeiro momento em uma



produção de valor de uso. Essa própria prática de produzir seus meios em um movimento de aprimoramento dialético irá transformá-lo. E o processo de antítese de sua dialética, se dá quando um novo fator ou instrumento entra em cena, formando uma nova síntese. Em outras palavras, a mudança social se dá quando os elementos que configuram a ordem social não fazem mais sentido e um novo sentido substitui o anterior. Assim, para Marx, quando a ordem não se justifica ao nível de justificativas plausíveis, para que a mudança social ocorra é necessário que se manifestem as revoluções. Dentro deste movimento, a obra de Marx vai distinguindo os modos produtivos até hoje conhecidos e trabalhando as diferenciações de cada.


O que importa considerar é que essa perspectiva fundante marxista vai demonstrar que a realidade desencadeada pela ação social antes de tudo implicará determinações, uma ordem social, que vai se remodelando ao longo do processo histórico, com a evolução da atividade produtiva, o processo de divisão do trabalho, assalariamento, etc., ao ponto de tornar o homem estranho ao produto de seu feito “trabalho alienado” (LALLEMENT, 2008, pág. 115). O produto histórico e de evolução das sociedades vai aparecendo, desta maneira, como resultado de frequentes relações materiais e sucessões que derivam dessas próprias relações. Num processo de “criação,



satisfação e recriação contínuas das necessidades humanas” (GIDDENS, 1984, pág. 53). Um devir dialético de desenvolvimento que ocorre pela tríade de tese, antítese e síntese.

Já Emille Durkheim, na busca por fundar e fundamentar a sociologia enquanto ciência, além de circunscrever seu objeto de estudo que particulariza como o “fato social”, irá primar pela formulação de um método rigoroso de investigação e explicação do objeto. Ou seja, ao longo do trabalho de Durkheim aparece o esforço de delimitar o objeto e o método científico para a sociologia. Desta maneira, no intento de articular este último, anuncia em 1895 a obra “As Regras do Método Sociológico”. Trabalho que irá trazer, sobretudo, três regras fundamentais que atribuam à sociologia objetividade e cientificidade, conforme modelo que considera possuírem as outras ciências, (ARON, 1982).


A primeira regra do método sociológico de Durkheim foi por muitas vezes debatida ao longo do desenvolvimento da sociologia por interpretações diferentes ou mal compreendidas. Regra onde define que os fatos sociais devem ser tratados como coisas. O sentido que Durkheim afere a esta definição, se dá por entender a necessidade de afastar-se do objeto a fim de observá-lo de fora, distanciando-se desta maneira das próprias pré-noções que se possui. No intento de observar os sentidos que não estão



postos. Uma postura metodológica similar a de outras ciências que pesquisam seu objeto de forma externa. O que importa considerar, que não se está reduzindo os fatos sociais a configurações idênticas as dos fatos naturais. Mas pelo homem fazer parte do mundo social que estuda, importa em nível metodológico que liberte-se das evidências iniciais de seu contexto. O que possibilitará, assim, identificar os fatos para além daquilo que já está dado coercitivamente por sua própria imersão. Portanto, para Durkheim, o fato social está na ação, na ordem e também na mudança social.


A segunda regra de Durkheim aponta que se deve “isolar e definir com fina precisão a categoria dos fatos que se propõe estudar” (LALLEMENT, 2008, pág. 206). Este é outro ponto que aparece com papel relevante e identificado ao longo das obras durkheimiana, pois de forma similar a biologia médica, busca compreender como normal dentro de um determinado contexto histórico tudo o que ocorre de maneira média. Ou seja, a normalidade de um fenômeno está diretamente relacionada à sua frequência. Esta regra está no exato ponto de identificar as ordens sociais existentes. Elementos que nos auxiliam a compreender os fatores que não apenas organizam a sociedade, mas influenciam o comportamento do agir social.

Como terceira regra do método sociológico, Durkheim




aponta para “a necessidade de privilegiar o método das variações concomitantes” (LALLEMENT, 2008, pág. 206). Ou seja, Durkheim está afirmando que a forma de compreender o fenômeno se estabelece pela compreensão de sua causalidade. Dentro disso, a necessidade de comparar as relações e variações presentes nas diferentes combinações e que revelam suas dependências. Em um sentido de acompanhar o desenvolvimento completo de um fenômeno nas suas múltiplas variações na sociedade. Experimentação que revela, desta forma, as características dos fenômenos no desenvolvimento das ordens sociais.

Quanto a Weber, importa salientar que entende que a sociologia não tem como fim ser uma ciência determinada a gerar revoluções ou reformas sociais, mas sim realizar a elucidação da atividade social e conseqüentemente o processo de causalidade e seus efeitos. Assim, a ciência não define os processos decisivos da sociedade, questão inclusive que nos remete articulação do conceito de neutralidade axiológica discutida pelo autor. Ou seja, para Weber, pelo fato do processo histórico ser algo indeterminado, a compreensão do arranjo social envolve o entendimento da “ação social” de acordo com os sentidos e valores (fator voluntário) e não se restringindo apenas as questões estruturais exteriores, uma “ordem social”. Portanto, aponta o



limite da sociologia em pretender definir o resultado que deve ser tomado pela ação social. Neste ponto seu trabalho sobre o paradoxo das consequências elucida a questão da indeterminação das ações sociais. Até por que para o autor os conjuntos de símbolos sociais só se tornam inteligíveis a todo corpo social (e que geram as probabilidades comportamentais que exprimem os regulamentos que orientam as ações), pois derivam das relações que se formam dentro de uma individualidade significativa.


O enfoque de análise de Max Weber não particulariza as generalizações (ordens), mas sim as configurações da ação social que está sempre em movimento. Por conseguinte, entende que a função do sociólogo, por haver uma ação social constante e repleta de indeterminações, não está na elaboração de leis, mas na identificação de probabilidades típicas. Referente ao arranjo do escopo das formas de ação social, Weber apresenta quatro particularidades gerais da ação humana: a ação tradicional, que envolve a questões dos costumes, dos hábitos cotidianos da vida, com as atividades familiares, etc; a ação afetiva, guiada pelos sentimentos e paixões, envolve as ações movidas por emoções e impulsos do sentimento afetivo; a ação racional relativa a valores, entrando nesta seara tantos os valores éticos, morais, religiosos ou estéticos, onde as pessoas agem inspiradas nesses valores; e



por fim, a ação racional relativa a fins, quando o que determinada à ação de uma pessoa é um fim que ela deseja alcançar, na lógica de atingir objetivos, de alcançar um fim determinado. Para tanto, Weber sugere que se trabalhe com um instrumento metodológico e conceptual, para analisar as ações sociais, que trata do método conhecido como “tipo ideal”. Onde se criam categorias fictícias que acentuam especificidades ideais de determinado campo a fim de facilitar comparativamente a elaborações de hipóteses reais, (LALLEMENT, 2008, pág. 255-311).


Referente a Georg Simmel, o objeto de estudo da sociologia para este autor não está nem no processo subjetivo e individual de uma microssociologia (ação social) e nem nas análises macrossociológicas das estruturas da sociedade (ordem social), mas precisamente na interação entre estes dois polos. Ou seja, as ações recíprocas entre os indivíduos geram formas de associação. Essas formas sendo, portanto, o objeto central da sociologia (LALLEMENT, 2008, pág. 174). Por isso, também conhecida como sociologia formal. Dentro disso, Simmel pretende formar uma ciência autônoma, que busca extrair das relações os momentos que se associam, de forma a destacar seus conteúdos e finalidades.

De acordo com Vandenberghe (2009, pág. 87), se entende



por associação em Simmel um conjunto de relações que ocorrem em uma interação entre indivíduos que se dá entre uns com os outros, uns para os outros, mas também entre uns contra os outros. Relações que originam uma unidade da qual os indivíduos tem consciência de sua formação. Vandenberghe (2009, pág. 88-89), articula que essas associações são como fios que tecem a sociedade a todo o momento, e que, portanto, formam determinadas formas de organização. Ou seja, uma sociedade formada pela síntese das associações, dos diversos interesses, sejam compreendidos, inconscientes ou expressos tacitamente. Desta forma, essas sistematizações das formas estruturantes que derivam dos processos de associação denotam a sociologia simmeliana como uma sociologia interacionista.

Ao pensarmos nas semelhanças e disparidades teóricas e metodológicas entre Max Weber e Georg Simmel, cabe apontar que enquanto Weber aponta o objeto da sociologia ao conteúdo da ação social, Simmel aponta as formas sociais que derivam das associações individuais. Ou seja, enquanto um dissolve os “fatos sociais” as ações dos indivíduos para outro aparece na interação entre eles. Em semelhança aparecem nos “tipos ideais” elaborados por Weber que se assemelham as formas de associação elaboradas por Simmel, pois ambas tratam de elaborações conceituais, que se constituem metodologicamente



para construir linhas explicativas das realidades. Vandenberghe (2009, pág. 84) aponta que elas não configuram um estrato completamente real da sociedade, mas sim como formulações conceituais, como ferramentas construídas teoricamente apenas como um arranjo explicativo que auxilia organizar as explicações das realidades da sociedade.


CAPÍTULO 02



2. A ESCOLA DE CHICAGO E OS PENSADORES NEOCLÁSSICOS NO ESFORÇO DE SINTEZIAR AS RELAÇÕES ENTRE MICRO E MACROSSOCIOLOGIA

Os estudos microinteracionistas, relacionados à Escola de Chicago, têm como um pensador basilar George Mead. De acordo com Coulon (1995, pág. 20), o trabalho de George Mead aparece como uma das bases de pensamento do interacionismo simbólico, pois o autor busca por sintetizar a abordagem individual e macrossociológica. Collins (2009, pág. 216-217) afere que o trabalho de Mead permeou a elaboração de uma apurada teoria perceptiva da mente social. Como para os autores desta escola o comportamento deriva do social. A interação entre o fator biológico e a internalização dos movimentos sociais que configurariam desta maneira a mente humana.


Outro estudioso da Escola de Chicago de notada relevância é William Thomas, que aparece como um pensador que elaborou sentenças significativas que acabaram por ficar conhecidas como “o teorema de Thomas”. Dentre suas afirmações, a principal e mais conhecida afere que “se os homens definem as situações como reais, então elas são reais em suas consequências” (COLLINS, 2009, pág. 220-221). O ponto central desta definição envolve compreender que a sociedade possui determinadas características e símbolos que as pessoas



entendem que ela possui. Assim, dentro deste processo simbólico estabelecido (a ordem social), existem padrões que passam a ser definidos como prestigiosos, enquanto outros como desviantes. E por essas situações reais que o homem decide escolher e agir (a ação social), também derivarão resultados e consequências reais (a possibilidade de mudança social).


Para os pensadores da Escola de Chicago, portanto, a sociedade é uma realidade construída a partir dos processos constantes de combinações das diferentes perspectivas. Por isto, a sociedade é entendida como um processo constituído pelas relações subjetivas entre os indivíduos (COLLINS, 2009, pág. 222). Em outra articulação, conforme coloca Joas e Knobl (2017, pág. 130), a sociedade se forma como um processo resultante exatamente das ações constituídas pelas interações simbólicas recíprocas. Ou seja, significa entender que o corpo social e o estabelecimento de ordenamentos se formam exatamente no processo de interação de seus agentes, resultante da integração da ação social de todos.

Nas teorias dos pensadores considerados neoclássicos, percebe-se que a mescla dos três pontos (ação, ordem e mudança) aparece no bojo das novas teorias. Talcot Parsons vem a ser um primeiro e sucede o pensamento interacionista de Chicago e se torna talvez o principal pensador da teoria norte-




americana. Embora a noção de ação social seja o ponto de partida da teoria parsoniana. Segundo o autor, ponto que trata de toda ação humana, na qual o homem é motivado pela sensibilidade que tem aos significados de seu ambiente exterior. Abarca os processos de subjetividades que impulsionam a própria ação. Uma ação social que não é apenas individual, mas pode representar um grupo, em uma dualidade autor-situação (ação e ordem). Posto que a ação é vista como uma forma em que o ator reage a um conjunto de relações com seu exterior. Em uma relação ambiente e organismo biológico no caso individual. Portanto, a ação envolve a relação de inteiração, na qual envolve um conjunto de simbolismos (normas e valores) que mediatizam a orientação das ações.

O autor salienta que a ação se situa entre dois universos, o meio físico e o simbólico. Dentro desta perspectiva, estratifica sua teoria da ação em quatro elementos: sujeito-ator, que trata do próprio indivíduo ou coletividade; a situação que estabelece os objetos da relação, sejam físicos ou sociais; em terceiro, os símbolos que agregam elementos de significados; e por fim, as regras, sejam normativas ou valores que orientam as ações. Para tanto, reconhece a ação social como um sistema, composto por uma estrutura (ordens), com funções específicas, e processos, atividades que produzem o interior do próprio sistema.




Quanto à ordem social, para Parsons eclode como um fato, devido não situar-se ao acaso nem ser algo caótico ou imprevisível, contrapondo inclusive os clássicos da filosofia Locke, Hobbes e Rousseau, que tem como fundamento a individualidade na formação da ordem coletiva. Diferente disso, para Parsons, indo de encontro às ideias principalmente de Durkheim enquanto representações coletivas e de Freud no superego composto, dentre outros fatores, aponta que a ordem são os modelos de regras que organizam a constância da ação social. Os modelos exteriores que institucionalizam as significações culturais e padrões de comportamento. Quando a mudança social, trata do momento em que os dilemas sociais levam a uma mudança dos significados, constituindo uma nova ordem. Ou seja, o reagrupamento das variáveis que formam a estrutura.

Ponto que o autor ira debater a teoria da modernização, uma vez que entende que a mudança se dá neste viés evolutivo da sociedade. Questões que ira detalhar em pormenores em sua teoria dos sistemas de ação. De fato, comparar o pensamento de Parsons com outras pensadores envolveria um conhecimento mais amplo da teoria social, mas de qualquer maneira, é possível observar que a relação entre ação, estrutura e mudança social se mostra entre os pontos centrais da sua teoria sociológica.



Para Habermas, outro autor neoclássico, dentro de racionalidades críticas que marcam as reflexões da modernidade. A ordem social aparece primeiramente no próprio viés materialista *“um progresso que é condicionado pela organização física”* (HABERMAS, 1983, pág. 112). Bem como, nas regras de interação que normatizam o agir comunicativo. Inspirado em Parsons e na ideia de sistema, detalha as racionalidades da ação comunicativa partindo de um processo instrumental e estratégico. Ou seja, o processo de aprendizagem, forma competências pelas quais os atores constituem estruturas que os direcionem a soluções de problemas dentro da ordem de sua existência. O mundo vivido tratado pelo autor estrutura-se em seu interior por essas competências (HABERMAS, 1983, pág. 135). Portanto, para este pensador o processo de comunicação aparece no centro dos vínculos sociais e políticos. Apresentando como *“efeito de uma tríplice função de atualizar as traduções (reprodução cultural), de coordenação dos planos propostos pelos diferentes atores na interação social (integração social) e de interpretação cultural das necessidades (socialização)”* (LALLEMENT, 2012, pág. 220).


Em Habermas, desta forma, acrescenta-se que as conexões do sistema de expectativas e das regras na qual ocorrem às interações podem ser observadas, sejam em situações de



intersubjetividade ou nos processos de reconhecimento coletivo, dentro de uma compreensão linguística do agir comunicativo (*HABERMAS, 1983, pág. 113*). Portanto, tenta romper a sistematização da autorreferência, visando privilegiar o processo de sociabilidades através da comunicação, como mecanismos nos quais há o reconhecimento recíproco do agir. Desta maneira, a comunicação aparece como produtora de normas (ordem) de entendimento que fundamentam as ações sociais (*LALLEMENT, 2012, pág. 219*).


Frisa-se que para Habermas os homens não aprendem apenas na dimensão técnica (agir instrumental e estratégico) que envolve o desenvolvimento das suas formas produtivas, mas também na dimensão prática-moral (agir comunicativo) que determina as estruturas de interação de sua consciência. Nas palavras do autor, “as regras do agir comunicativo desenvolvem-se, certamente, em reação a mudanças no âmbito do agir instrumental e estratégico; mas, ao fazê-lo, seguem uma lógica própria” (HABERMAS, 1983, pág. 128).

Seguindo a reflexão sobre os autores considerados neoclássicos dentro da temática sobre a ação, ordem e mudança social. Pierre Bourdieu propõe a aplicação conjunta destes elementos e cria conceitos e instrumentos que visam articular tais relações. Como campo, *habitus* e violência simbólica. Seus



debates sobre ordem envolvem a questão neoliberal como um ponto estruturante, pois para o autor tais lógicas empregadas pautam o direcionamento da organização social para fins econômicos. Uma vez que exige determinados tipos de comportamentos dos indivíduos. Uma assimilação de racionalidades, que segundo o autor, ocorre de maneira imperceptível, uma vez que, se transformou na atmosfera que a sociedade respira (a ordem geral). Ademais, quando trata de uma compensação dos efeitos socialmente desastrosos do neoliberalismo, apontando que ocorrem através de recursos teóricos indenitários e racistas e com políticas policiais autoritárias e repressivas.


Mas quanto às questões aqui propostas em si. Bourdieu traz uma dupla relação de “interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1983, pág. 47), visando assim, como os demais pensadores do novo movimento teórico, ultrapassar as dicotomias entre agência e estrutura. O conceito de *habitus* busca mediar às universalidades significantes que tornam as práticas objetivamente comuns, ou seja, as disposições incorporadas de um agente em ação. O conceito de “campo” aparece como o espaço de produção de relações objetivas (BOURDIEU, 2003, pág. 64). Um instrumento teórico para explorar diferentes domínios de cada “campo”, bem como,



verificar as diferenças estruturais e funcionais entre ambos, permitindo avanços nos níveis das suas especificidades, generalidades e imbricações (BOURDIEU, 2003, pág. 65-67). A exemplo, os estudos do campo cultural e econômico, potencializando compreender as particularidades, mas também suas relações. Outra forma de tentar ultrapassar os reducionismos entre o micro e o macro.

Outro pensador de significativa relevância deste novo movimento teórico é Anthony Giddens. Dentro do que é considerado por muitos pensadores a principal contribuição teórica de Giddens, aparece exatamente a construção de uma teoria denominada teoria da estruturação, que tem como intento nuclear exatamente superar as dicotomias entre ação e ordem social, em outras palavras entre agência e estrutura, bem como, as dualidades dos subjetivismos e objetivismo, micro e macro, etc.

De modo geral, o autor questiona as perspectivas que colocam as estruturas como resultados dos efeitos da agência, bem como o oposto, a ação como resultado de determinações da ordem coletiva. Desta maneira, a teoria de Giddens busca trabalhar nesta interdependência, de forma que um ponto apareça constituído a partir do outro. Com uma visão processual da sociedade. Giddens diferencia estrutura de sistemas sociais, a



primeira aparecendo como os recursos coletivos, constituídas pela agência e do mesmo modo como um meio dessa constituição. Destina ao termo sistema social para referir as formas das relações em seu aspecto dinâmico. Na intenção de entender a estruturação como um processo constituinte da vida social, os aspectos duradouros passam a ser observados pela sua historicidade, as práticas ordenadas por sua constituição espacial e temporal.

A ação para Giddens é compreendida não apenas pelas iniciativas práticas e localizadas, mas por um conjunto de intenções e propósitos que no curso de seus eventos produzem efeitos no mundo. Desta forma, dentro da teoria da estruturação, a ação e a ordem social são “co-constitutivas das práticas que mantêm os sistemas sociais” (PETERS, 2017, pág. 11). Portanto, pelo esforço em buscar a integração de ambos os fatores em sua interdependência.

Em Michel Foucault, as situações de poder, aparecem na obra do autor dentro da arte do neoliberalismo em desenvolver modos de ações dos sujeitos. Portanto, para Foucault, o processo mais nítido sobre a ordem social apareça neste eixo do poder e do sistema neoliberalista, burocratização da vida, individualismo, etc., como um princípio regulador da modernidade. No sentido de aplicar uma gama de racionalidades sobre os corpos que



normalizam a existência da vida para um agir útil para a expansão das forças produtivas. Em outras palavras, a ordem agindo, sobretudo num disciplinamento coletivo.

Portanto, seu debate sobre o ordenamento jurídico historicamente se apresenta com fins mais políticos do que práticos. As questões estruturais então na correção dos cálculos dos sujeitos, implicando limites as suas subjetividades. A crítica do autor e seu trato com ambos os campos aparecem em uma fala sua em que aponta que o processo de governança envolve criar estruturas que limitem ao máximo o campo de ação dos sujeitos. E sobre mudança social, está colocada dentro da teoria crítica, exatamente pela potencialidade que tem de questionar os padrões menos visíveis, mas que guiam as práticas sociais e as racionalidades humanas por lógicas altamente contestáveis. Pontos que desencadeiam novas racionalidades e ordenamentos sociais com o avançar da humanidade.



CAPÍTULO 03




3. O MOVIMENTO PÓS-COLONIAL E OS ESTUDOS CULTURAIS NA RECONFIGURAÇÃO DA AÇÃO, DA ORDEM E MUDANÇA SOCIAL

A importância de outras epistemologias aparece, sobretudo, na construção de instrumentos e proposições de deslocamento político e epistemológico. De forma que articulam reflexões que questionam as narrativas e validades dos modelos convencionais e hegemônicos, ou seja, questionam a ordem social eurocêntrica vigente. E possibilitam compreender os sentidos e a história pelo prisma dos múltiplos atores, aferindo novas acepções a guiar ação social.

Segundo Quijano (2005), a modernidade se constrói como um momento histórico intimamente ligado ao processo de colonização iniciado nas Américas, posteriormente expandido a África e Ásia. E que se desenvolve factualmente embutindo um padrão de dominação, colonialidade, com categorias de classificação racial, étnica e de gênero. Que institui e naturaliza em conjunto com o capitalismo racionalidades de dominação (ordens) que ecoam nos mais variados âmbitos da sociedade. As racionalidades e padrões eurocêntricos de poder que imperam um processo de colonização, exploração e dominação até os dias






de hoje, e passam, com o giro-decolonial, por um discurso crítico de reordenamento geopolítico, dando voz e possibilitando novas formas de ação social a diversos conjuntos de atores.

Em perspectivas como os estudos subalternos e na emergência de novas possibilidades epistemológicas que interseccionam as racionalidades tradicionais da modernidade. Possibilitai-se reflexões que partem do lócus daqueles suprimidos. O orientalismo de Eduard Said, em sua reflexão sobre a construção do exótico pelo ocidente e as possibilidades da construção do outro, toca exatamente nas noções e prejulgamentos que temos mesmo antes de conhecer a realidade alheia. Ou seja, quebra um paradigma, nos ensinando a ver o preconceito ocidental (ordem), construído através dos fatores de culturais, metodológicos, midiáticos, etc. Subjugando, sobretudo, culturas que resistem ao viés hegemônico ocidental.


O movimento feminista sucinta outras importantes necessidades ao trazer para o campo de debates uma série de opressões assentadas pelos sistemas sociais (ordem) nas diversas esferas da vida cotidiana. O que possibilitou interrogar, mais do que as diferenças existentes entre homens e mulheres nas conjunturas do trabalho, participação política, relações de poder, etc., mas repensar os sistemas de dominação e seus paradigmas históricos existentes. Embora ainda permaneçam muitas



disparidades, trata-se um movimento que procura romper com o modelo cartesiano que perdura inclusive nos estudos intelectuais, propiciando possibilidades de transformação (mudança social), no intuito de recriação dos sentidos (ação social) por categorias subjugadas. Discussões que avançam nas últimas décadas, ultrapassam o determinismo biológico, possibilitando pelo pós-estruturalismo, reflexões sobre uma real reformulação epistemológica nas ciências sociais, a partir da análise das categorias subalternizadas.

A teoria *queer* é outro exemplo, por trabalhar na centralidade do desejo e sexualidade em toda sociedade. Tenciona as normas sociais e ordens institucionais, visando desconstruir e colocar em xeque o olhar heterossexual hegemônico (ordem), aprofundando a cultura tradicional, no sentido de combater as formas de desigualdades (mudança). Os estudos de gênero, raça e demais grupos subalternizados estão demonstrando a relevância das novas epistemologias e acarretando novas ações sociais.

Segundo Connell (2016), estas questões sempre fizeram parte da dimensão geopolítica da teoria. O autor demonstra essas diferenças pelos entraves existentes entre a teoria recente produzida na periferia global pós-colonial e a teoria considerada hegemônica com viés exponencialmente centrado na metrópole.



Aponta quatro formas de resistência reconhecidas: as que enfatizam as distintas tradições nacionais; as que buscam por sistemas indígenas de conhecimento; a crítica pós-colonial; e a tentativa de encontrar fora do eixo Europa-EUA um universalismo alternativo.

Enfim, a necessidade de outras epistemologias está na visão de pensar além do discurso pré-existente (ordem). No esforço de conhecer, interpretar e entender os sentidos reais do outro (ação). Descentralizando as narrativas históricas. Propondo uma epistemologia crítica (mudança). Em um movimento intelectual reflexivo sobre as narrativas abstratas e ideológicas, que, negligenciam ponderações reais. Ou seja, trata-se de uma possibilidade que critica o padrão de poder e a tradição de pensamento imposta pela modernidade, aspirando ao deslocamento reflexivo - epistemológico das formas hegemônicas.

CONCLUSÃO




CONCLUSÃO

Este livro se desenrola em uma tentativa de qualificar e apontar alguns dos fatores relevantes que envolvem os pontos elementares da compreensão sociológica, no que tange os debates entre ação, ordem e mudança social. Embora apresente resultados parciais, os pontos refletidos servem mais para problematizar a temática do que para propriamente organizar e descrever a dinâmica social a partir dos conceitos trabalhados. Até porque, para tanto, seria necessária uma pesquisa de maior envergadura.

Os debates apresentados dentro pensamento clássico, nos demonstram que percepção da importância de compreender a sociedade a partir de formação da ação social se faz presente desde a origem da ciência social. Demonstram-nos que ordem social foi tratada em seus estudos nas análises dos grandes complexos estruturais e dos ordenamentos simbólicos e sociais. E que a mudança social aparece como elemento do motor histórico e a concepção dialética de Marx comprova em seu processo espiral que as novas ordens sempre carregarão consigo elementos das anteriores.

A partir do novo movimento teórico, foi possível perceber





todo um esforço dos pensadores neoclássicos em tentar construir uma teoria geral que juntasse ambos os elementos, sobretudo o de ação e ordem social, para construir uma teoria sociológica capaz de dar respostas precisas para a formação, funcionamento e evolução das sociedades. E com o giro epistemológico decolonial, de ênfase nos estudos culturais, foi possível perceber a mudança social e teórica em um movimento que tenta transcender os reducionismos, na construção de uma ampla teoria pós-estruturalista que dá voz aos grupos subalternizados. A saber, os estudos sobre gênero, raça, cor, dentre outros.

Por fim, a reflexão da importância de compreender a teoria sociológica, considerando seus elementos basilares, aqui descritos como ação, ordem e mudança social. Denota a hipótese de que a teoria pensada a partir de seus constituintes ajuda a compreender o campo teórico como um instrumento de análise dos múltiplos elementos que engendram as sociedades. E o fato de tais elementos estarem presentes no curso evolutivo do pensamento teórico da sociologia, comprova a importância da reflexão constante destes campos de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raimond. **As etapas do pensamento sociológico**. Martins Fontes: São Paulo, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, R. Bourdieu. São Paulo, Atica, 1983, pp. 46-81.

BOURDIEU, Pierre. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COLLINS, Randall. **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis, Vozes, 2009.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, 9ª edição.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna Teoria Social**. Lisboa, Editorial Presença, 1984.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do metarrealismo histórico**. In: Para a reconstrução do materialismo histórico. São Paulo: Brasiliense, 1983.

JOAS, Hans; KNOBL, Wolfgang. **Teoria social: vinte lições introdutórias**. Petrópolis: Vozes, 2017.

LALLEMENT, Michel. **História das Ideias Sociológicas: das origens a Max Weber**. Vol. I. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes,





2008.

_____. **História das Ideias Sociológicas: De *Parsons aos Contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2012.**

PARSONS, T. **Papel e sistema social.** In: CARDOSO, F. H.; IANNI, O. **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral.** São Paulo, Ed. Nacional, 1973.

PETERS, G. **Anthony Giddens: A dualidade da estrutura.** In: SELL, C.; MARTINS, C. B. **Teoria Sociológica contemporânea: autores e perspectivas.** São Paulo: Annablume, 2017.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In.: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Setembro, 2005.

VANDENBERGHE, Frédéric. **Metateoria, teoria social, teoriasociológica.** Vol. 1. São Paulo: Annablume, 2009.



ÍNDICE REMISSIVO



ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação, 15, 46

Agência, 13

Ampla, 16

Analisar, 25

Análise, 46

Análises, 15

Anthony Giddens, 13

Aprimoramento, 20

Arranjo, 27

Assimilação, 35

Atividades, 24

Autores, 15

B

Basilares, 46

Bibliográfica, 16

C

Capítulos, 16

Causalidade, 23

Centrais, 16

Chicago, 16

Ciência, 25

Ciências, 15

Científico, 21

Circunscrever, 21

Clássico, 13

Clássicos, 16

Classificação, 40

Composto, 32

Compreender, 13, 15

Conhecidas, 29

Consciência, 26

Considerados, 19

Constante, 24, 46

Constituintes, 13, 15

Construção, 13







Criação, 42
Crítica, 38
Cultural, 33
D
Demonstrar, 20
Dentro, 13
Derivam, 26
Desastrosos, 35
Desenrola, 45
Desenvolvimento, 21
Determinado, 25
Dialético, 20
Diretamente, 22
Disparidades, 26
Distinguindo, 20
Diversos, 26
Duradouros, 37
Durkheim, 21
E
Elaborações, 25
Elementares, 16
Elementos, 22
Émile Durkheim, 13
Epistemologicamente, 13,
17
Epistemológico, 43, 46
Especificidades, 25
Estabelecer, 16
Estéticos, 24
Estrutura, 31
Estrutura, 13
Estruturalista, 13, 17
Estudos, 13
Examinar, 13
Existência, 37
Explicação, 21
Explicações, 27
Explicativas, 27
Exploração, 40
F
Fato Social, 21
Fatores, 32
Formação, 15, 17
Formas, 43



Formulações, 27
Fundamentar, 21
Fundar, 21
G
Grupos, 13
H
Habitus, 35
Hegemônicas, 43
Hipótese, 13, 16
Histórico, 13
I
Ideias, 32
Importância, 45, 46
Individuais, 26
Individual, 25
Influenciar, 19
Instrumental, 33
Instrumento, 13, 15, 20
Integração, 19, 33
Intelectual, 43
Inteligíveis, 24
Interações, 30
Interior, 33
Intermediário, 16
Investigar, 16
J
Junger Habermas, 13
Justiça, 20
K
Karl Marx, 13
L
Lógica, 25
Lógicas, 38
M
Maneira, 22
Marxista, 20
Materiais, 20
Médica, 22
Medulares, 15
Meios, 20
Método, 21
Metodologicamente, 26
Michel Foucault, 13
Modernidade, 43



Moldando, 19
Movimento, 13
Mudança, 13, 20
Múltiplos, 13
N
Natureza, 19
Neoclássicos, 16
Nível, 16
Novo, 20
O
Objetividade, 21
Objeto, 21
Ordem, 33
Ordenamentos, 38
Orientalismo, 41
P
Padrões, 32
Paradigma, 41
Parsoniana, 31
Particularidades, 24, 36
Particulariza, 21
Pensador, 29
Pensadores, 16, 19, 36, 45
Pensamento, 13
Perspectiva, 20
Pessoa, 25
Ponto, 22
Pormenores, 32
Positivismo, 19
Possibilidades, 41
Possibilita, 41
Possível, 46
Possuírem, 21
Principal, 30
Problematizar, 45
Processo, 13, 20
Produto, 20
Própria, 34
Q
Questão, 24
R
Racionalidades, 38
Realidades, 27
Recriação, 21



Reduccionismos, 16
Refletir, 13
Reflexão, 46
Reflexivo, 19
Regras, 21
Relação, 32
Relações, 15, 34
Relativa, 24
Remodelando, 20
Representações, 32
Reprodução, 33
Revisão, 13
Revoluções, 20
Romper, 41

S

Semelhanças, 26
Sentido, 15
Sentidos, 40
Simbólicos, 45
Símbolos, 31
Simmeliana, 26
Sistematizações, 26

Social, 13, 31, 45
Socialização, 33
Sociedade, 22, 26
Sociedades, 13, 46
Sociologia, 21, 26
Sociológica, 32
Sociológica, 13
Sociólogo, 19
Subalternizados, 13, 17, 42
Subjetividades, 15
Sucedem, 19

T

Tacitamente, 26
Talcot Parsons, 13
Tenciona, 42
Teoria, 13, 16, 17, 31
Teoria, 13
Teoricamente, 27
Teórico, 13, 15
Trabalho, 20
Transcender, 16



V

Voz, 17

Variações, 23



